

SEXUALIDADE E GÊNERO NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DOCENTE: UTILIZANDO A OFICINA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO

SEXUALITY AND GENDER IN TEACHER TRAINING COURSES: USING THE WORKSHOP WHILE TEACHING RESOURCE

SEXUALIDAD Y GÉNERO EM LOS CURSOS DE FORMACIÓN DOCENTE: UTILIZANDO LA OFICINA ENCUANTO RECURSO DIDÁCTICO

Maria Salete Zufelato Vencel*

Rita de Cássia Petrenas**

Resumo: Esse estudo aborda as questões da formação docente e a temática sexualidade enquanto assuntos que apresentam desafios e contradições no contexto educacional. O objetivo desse trabalho foi de analisar o que ocorre em sala de aula quando o assunto refere-se à temática gênero, após a realização de uma oficina oferecida a alunos de Cursos de Licenciatura em Pedagogia e Educação Física, durante uma Semana de Estudos Integrados de um instituição de ensino superior do interior do estado de São Paulo. A oficina teve como título “Abordando sexualidade e gênero na formação docente”. Foi possível perceber, após análise da mesma, que os alunos dos cursos de licenciatura conhecem muito pouco sobre a temática sexualidade e especificamente gênero; há uma visão biologizante sobre o assunto e não há maturidade para um debate mais incisivo no assunto. Assim, pesquisas que envolvam a formação docente e a temática da sexualidade são fundamentais nos cursos de licenciatura, para que possam proporcionar discussões e mudanças nos currículos dos cursos de graduação para que tenhamos em um futuro próximo uma sociedade menos preconceituosa e mais tolerante.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Formação docente. Licenciatura.

Abstract: This paper addresses the issues of teacher training and the sexuality as theme issues that present challenges and contradictions in the educational context. This study aimed to analyze what happens in the classroom when the subject is related to the gender, which was made after conducting a workshop offered for students of Pedagogy and Physical Education courses, in the course of a Week of Integrated Studies of a higher education institution in the state of São Paulo. The workshop was entitled “Addressing sexuality and gender in teacher education”. After analysis, it was possible to notice that students of degree courses know very little about the topic sexuality and gender specifically. There is a “biologizante” view on the subject and there is no maturity to a more incisive debate on the subject. Thus, research involving teacher training and the theme of sexuality are fundamental in undergraduate

* Doutora em Ciências (Fisiologia Geral) pela Universidade de São Paulo. Diretora da ETEC Manoel dos Reis Araújo, em Santa Rita do Passa Quatro/SP. E-mail: zufelatovencel@netsite.com.br

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista - Campus Araraquara. Coordenadora e professora do Curso de Pedagogia nas Faculdades UNICEP - Associação de Escolas Reunidas. Professora da Fundação Educacional de Ituverava/SP. Integrante do NUSEX - Núcleo de Estudos da Sexualidade. São Paulo StateUniversity (UNESP). E-mail: petrenas@bol.com.br

courses, so they can provide discussions and changes in the curriculum of undergraduate courses so that we have in a near future a less prejudiced and much more tolerant society.

Keywords: Sexuality. Gender. Teacher training. Undergraduate courses.

Resumen: Ese estudio aborda las cuestiones de la formación docente y la temática sexualidad en cuanto asuntos que presentan desafíos y contradicciones en el contexto educacional. El objetivo de ese trabajo fue de analizar lo que ocurre en el salón de clase cuando el asunto se refiere a la temática género, después de la realización de una oficina ofrecida a los alumnos de Cursos de Licenciatura en Pedagogía y Educación Física, durante una Semana de Estudios Integrados de una institución de enseñanza superior del interior del estado de São Paulo. La oficina tuvo como título “Abordando sexualidad y género en la formación docente”. Fue posible percibir, pos análisis de la misma, que los alumnos de los cursos de licenciatura conocen muy poco sobre la temática sexualidad y específicamente género; hay una visión biologizante sobre el asunto y no hay madurez para un debate más incisivo en el asunto. Así, pesquisas que involucran la formación docente y la temática de la sexualidad son fundamentales en los cursos de licenciatura, para que puedan proporcionar discusiones y cambios en los currículos de los cursos de graduación para que tengamos en un futuro próximo una sociedad menos prejuiciosa y más tolerante.

Palabras claves: Sexualidad. Género. Formación docente. Licenciatura.

Introdução

Educar para a tolerância adultos que atiram uns nos outros por motivos étnicos e religiosos é tempo perdido. Tarde demais. A intolerância selvagem deve ser, portanto, combatida em suas raízes, através de uma educação constante que tenha início na mais tenra infância, antes que possa ser escrita em um livro, e antes que se torne uma casca comportamental espessa e dura demais. (UMBERTO ECO, 2006, p. 117-118).

Dentre os temas que apresentam desafios e contradições em torno da educação a formação docente é algo que vem tomando grande impacto há décadas, pois muitas mazelas do processo de ensino-aprendizagem recaem sobre essa especificidade que é de extrema relevância nos cenários nacional e educacional. Isso se justifica pelo fato de tais cursos serem precários, não formando para a prática, os fundamentos teóricos são descontextualizados da atualidade e em contrapartida, os alunos são culpabilizados por chegarem nesses cursos sem requisitos suficientes com

falhas egressas de um ensino médio deficiente no que há de mais elementar.

Os cursos de licenciatura, que formam docentes das diversas áreas, são clamados a oferecer um ensino de qualidade, sem contar que muitas vezes são pouco atrativos nas questões futuras, pois os salários não são os mais rendosos e há pouco prestígio social. Contudo, podemos citar um exemplo paradoxal relacionado à Pedagogia, observando os números de 2002 a 2007: os cursos cresceram 85%, passando de 1237 para 2295. (AGÊNCIA ESTADO, 2009).

Para muitos jovens e pessoas de mais idade, que escolhem a docência como profissão é corriqueira as alegações de que as licenciaturas são mais fáceis que a maioria dos outros cursos, o tempo de estudo é menor quando comparado aos bacharelados; a escolha da docência é devido também o gostar de criança; assim podemos corroborar com Mello: “Quando não se sabe o que fazer, ama-se. Este seria o princípio norteador do senso comum e da prática do magistério.” (MELLO, 1981, p. 117). Diante dessa afirmação as questões políticas, econômicas

e sociais que envolvem a docência acabam sendo desprezadas e se perdem na fragilidade que envolve a própria especificidade da profissão, acreditando que qualquer pessoa pode ser professor, não havendo necessidade de tanto preparo, cientificidade e, inevitavelmente, o respaldo da teoria.

A questão social também é fator preponderante, pois muitos estudantes das licenciaturas trabalham o dia todo e estudam no período noturno, sendo responsáveis por parte da renda familiar e pelo seu próprio sustento, impedindo-os de realizarem aulas ou cursos extracurriculares tão importantes para sua formação.

Na prerrogativa da necessidade da existência de cursos de licenciatura com qualidade, onde o aluno aprende a pensar e a discutir sobre os mais variados temas da atualidade, o objetivo deste trabalho é o de analisar o que ocorre em sala de aula quanto à temática gênero, analisando os resultados obtidos após a realização de uma oficina oferecida a alunos de Cursos de Licenciatura em Pedagogia e Educação Física, durante uma Semana de Estudos Integrados de um instituição de ensino superior do interior do Estado de São Paulo.

Esse trabalho se justifica pela surpresa das docentes que realizaram a oficina diante das reações dos participantes quanto à temática gênero, principalmente pelo desconhecimento do tema, pela dificuldade de expressão de ideias e opiniões em relação a dúvidas e sentimentos, e mesmo pela necessidade e vontade dos alunos aprenderem sobre essa temática tão abolida pela maioria da sociedade.

Abordagem da oficina

Os alunos que participaram da oficina frequentam os cursos de Licenciatura em Educação Física (2º Período) e Pedagogia

(2º, 4º e 6º Períodos) de uma instituição particular de ensino superior do interior do Estado de São Paulo.

A Semana de Estudos Integrados é realizada envolvendo os cursos acima mencionados, uma vez no ano letivo e se constitui de dois dias de palestras e dois dias de oficinas, sendo que nos dias de oficinas são oferecidas temáticas diferenciadas de livre escolha pelos alunos; as mesmas contam com no máximo 30 participantes e tem a duração de aproximadamente três horas e meia.

Os alunos fazem a escolha das oficinas uma semana antes de sua realização, pois é apresentado à comunidade estudantil o cronograma de atividades com os responsáveis, objetivos e materiais que serão utilizados durante sua execução. Uma comissão de alunos organiza a inscrição dos colegas, dando oportunidade a todos de participarem de temáticas de maior interesse aos participantes.

É importante salientar que a oficina com a temática gênero foi desenvolvida por duas docentes da instituição, sendo que uma delas leciona para os dois cursos de licenciatura e a outra atua no curso de Pedagogia, além de ser a coordenadora do mesmo.

A oficina apresentada nesse estudo foi denominado **“Abordando Sexualidade e Gênero na Formação Docente”**, e teve como objetivos: propor a reflexão sobre as situações cotidianas no contexto escolar que envolvem a temática sexualidade e gênero; discutir a possibilidade enquanto educador de propor aos educandos que adotem atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas repudiando as injustiças e discriminações; questionar as ações e atitudes que permeiam o grupo no cotidiano no tocante ao preconceito.

Convém destacar que a proposta de realização dessa oficina surgiu devido às docentes perceberem a necessidade de abordarem as temáticas de sexualidade e gênero nos

cursos de licenciatura, uma vez que as grades curriculares trabalham com tais temáticas de maneira bastante superficial, não havendo disciplinas específicas. Além disso, na época do evento (setembro de 2013), várias manchetes na mídia culminavam na questão ao preconceito a homossexuais¹. Isso vai ao encontro de que a escola é um importante agente socializador e formador no combate à homofobia e preconceitos diversos e para tanto a formação docente é fundamental.

A oficina contou com quatro momentos distintos quanto às temáticas de sexualidade e gênero: leitura individual de um relato de memórias sobre experiências escolares que envolvem a possível questão homossexual (Anexo 1); exposição teórica sobre o conceito de gênero, sexo e sexualidade; vídeo “Boneca Na Mochila”²; trabalho com livros paradidáticos passíveis de discussão sobre a temática de gênero, através da leitura e posterior resposta a um questionário ou produção de ilustrações (Apêndice 1), sendo que foram antecipadamente esclarecidos sobre a utilização de suas respostas e desenhos; assim, assinaram o Termo de Esclarecimento sobre Pesquisa Realizada para Produção de Artigo Científico (Apêndice 2). Em todos os momentos, foi possível a exposição de ideias e debates de opiniões dos participantes, que, apesar de tímidos, foram se intensificando no decorrer da proposta.

Essa última fase da atividade foi proposta devido à cobrança constante dos alunos

¹ Destacamos algumas manchetes apontadas na mídia: “Daniela Mercury beija a mulher em ato contra Marco Feliciano” de 17/9/2013. Disponível em: <manchete-atual.com.br/daniela-mercury-beija-mulher-em-ato-contramar...> e “Feliciano coloca projeto que libera a ‘cura gay’ para votação em comissão” de 1/5/2013. Disponível em: <colunas.revistaepoca.globo.com/ofiltro/tag/marco-feliciano/>.

² Instituto ECCOS Comunicação em Sexualidade, vídeo “Boneca na Mochila” (1995) (www.ecos.org.br). O vídeo aborda os medos e inseguranças dos adultos em relação à homossexualidade.

em aulas para que fossem oferecidas atividades práticas que realmente pudessem ser usadas na sala de aula por eles próprios enquanto docentes, inclusive em dias de impossibilidade da utilização de locais a céu aberto, pelos professores de Educação Física.

Os livros utilizados durante a oficina foram pesquisados pelas professoras palestrantes, podendo ser encontrados nas bibliotecas das escolas públicas, pois a maioria faz parte do acervo do Ministério da Educação³.

Os livros foram escolhidos pelos participantes, divididos em grupos de quatro alunos, somente com a leitura e visão da capa em um primeiro momento. Posteriormente, eles puderam ler as histórias, discuti-las e responderem ao questionário. Não houve a possibilidade posterior de maiores discussões sobre as respostas apresentadas no questionário, devido o horário da oficina ter se estendido além do estipulado.

O conceito de gênero e a formação docente

A educação sexual enquanto parte da formação docente tem sido objeto de estudos de diversos pesquisadores que acreditam na inserção da temática, seja enquanto disciplina nos currículos dos cursos de graduação, seja nos cursos de especialização. (CAMARGO; RIBEIRO, 1999; FIGUEIRÓ, 2001, 2002, 2006; LEÃO, 2009; LOURO, 1997; NUNES; SILVA, 2000; RIBEIRO, 1990, 2004, 2008).

³ BRENMAN, I. **Até as princesas soltam pum**. São Paulo: Brinque Book, 2008. / LEITE, M. **Feminina de menina, masculino de menino**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011. / RIBEIRO, M. **Menino brinca de boneca?** São Paulo: Salamandra, 2001. / RIBEIRO, M. **Sexo não é Bicho-Papão!** Rio de Janeiro: ZIT, 2008. / ROCHA, R. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. São Paulo: Ática, 1983. / ROSA, S. **O menino Nito: então homem chora ou não?** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

A proposta da oficina com abordagem em sexualidade e gênero ocorreu de maneira integrada, pois as palestrantes acreditam que ambos são indissociáveis e precisam ser compreendidos na formação dos educadores. A sexualidade tem grande importância na vida psíquica das pessoas, pois se relaciona com prazer, valores, sentimentos e se constitui como parte intrínseca de todo o indivíduo; deve ser compreendida diferente de sexo que se refere ao biológico.

A sexualidade é algo inerente ao ser humano, se manifestando desde o nascimento até a morte, de forma distinta em cada etapa do desenvolvimento. Como é construída ao longo da vida encontra-se marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos; se, por um lado, sexo é expressão biológica, que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade é, de forma bem mais ampla, expressão cultural.

O conceito de gênero também precisa ser discutido no decorrer da formação docente, pois deve ser construído no perpassar do momento histórico, cultural e social mas, possui influências diversas da sociedade, da mídia e dos meios de comunicação.

O conceito de gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. Enquanto o sexo diz respeito ao atributo anatômico, no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social. O uso desse conceito permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e os lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença histórica tem privilegiado os homens na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a

homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e dos valores que vem ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. (BRASIL, 1998, p. 321-322, grifos do autor).

Especificamente o termo gênero surgiu a partir dos movimentos feministas, final da década de 1960, como uma forma de resposta às desigualdades existentes entre os sexos, que eram marcadas pelo determinismo biológico. (LOURO, 1997). Isso nos faz refletir que as diferenças entre os sexos vão muito além das diferenças sexuais; são produções das construções sociais, históricas e culturais na qual cada indivíduo está inserido. O campo social entra em destaque e, conseqüentemente, a escola, pois:

[...] tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento - seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade –que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja ‘assentada’ ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação. (LOURO, 1997, p.27, grifos da autora).

Ao tentarmos abordar as questões de sexualidade e gênero na formação docente percebemos que esses profissionais possuem muitas dúvidas que os currículos dos cursos de formação não conseguem sanar, devido a pouca carga horária dos cursos como um todo, além do que, muitos alunos e mesmo formadores, apresentam a falsa ideia de que “ser professor” passa a ser considerado uma aprendizagem que se dará principalmente no

desenvolvimento da carreira, de acordo com as dificuldades que o docente irá enfrentar.

As vivências que os alunos obtiveram nos bancos escolares ou a troca entre os pares no início da atuação profissional tornam-se tão ou mais importantes que sua formação inicial. O mais importante ao profissional que atuará na escola do século XXI parece estar inserido no perceber as desigualdades, se sensibilizar, envolver a comunidade e ajudar a resolver os problemas locais. Um processo que tem influenciado a formação da identidade desses profissionais, mas que traz consequências severas, dentre elas, conteúdos curriculares ensinados de maneira equivocada, falta de conhecimento das fases psicológicas, de aprendizagem e de desenvolvimento dos alunos, dificuldade em lidar com as situações que envolvem agressões físicas e verbais com colegas, atitudes sexistas e discriminatórias com homossexuais gerando muitas vezes o *bullying* homofóbico, entre outras situações que envolvem contextos pejorativos que inferioriza o ser humano.

Nesse contexto, podemos enfatizar que a escola se torna espaço privilegiado quanto à abordagem para a educação sexual, pois conforme afirmam Maia e Ribeiro (2011):

Embora a educação sexual possa ser realizada em diferentes instituições, como ambulatórios e postos de saúde, sindicatos, fábricas, universidade, consideramos que a escola é o espaço mais propício para realizá-la, primeiro porque se começa a frequentar a escola com seis anos de idade, e, idealmente, espera-se que o indivíduo nela permaneça até os dezoito anos, quando termina o Ensino Médio. Segundo porque a escola tem por função social a transmissão do saber historicamente acumulado e de sua dimensão ético-política [...]; é na escola que se espera que os indivíduos aprendam a adotar práticas preventivas visando à constituição de

cidadãos críticos e autônomos, o que inclui uma educação sexual emancipatória. (MAIA; RIBEIRO, 2011, p. 78).

Com o intuito de tentarmos minimizar e subverter a violência explicitada ou velada na qual os alunos homossexuais, negros e mesmos os menos favorecidos socialmente estão expostos nas escolas, corremos o risco de que, pela falta de conhecimento e excesso de preconceito acabamos, enquanto educadores, legitimando e valorizando ações e atitudes com base em pré-julgamentos.

Para Durham (2010) e Mello (1994), um dos problemas da falta de qualidade está na formação inicial docente, a deficiência persiste mesmo após cursos de capacitação e melhoria de salário. Contudo, sem a formação adequada sempre haverá lacunas e estaremos trabalhando na questão da improvisação, não haverá respaldo teórico para fundamentar o processo pedagógico no cotidiano, permanecendo o receio de trabalhar com a temática da sexualidade e também perpetuando preconceitos arraigados.

As expressões dos futuros docentes em relação à temática trabalhada

No decorrer da oficina as abordagens em torno da temática “Gênero” foram evidentes, mas nem sempre percebidas pelos participantes; alguns grupos sinalizaram tal vertente, expondo suas concepções sobre o que acharam de mais interessante no livro escolhido para análise.

Nós achamos de mais interessante no livro certo preconceito do menino brincar de boneca, isso não quer dizer que ele seja homossexual, é apenas uma expressão da qual ele passa para a boneca, ou seja, o menino se espelha em seu pai e acontece o mesmo com as meninas que no caso se espelham na mãe. Hoje na escola, há grande tabu a

ser quebrado, por exemplo, ‘homem não chora’, ‘homem é forte que nem o papai’, ‘meninas são frágeis’ [...] (Grupo 1).

Vimos que um vivendo na pele do outro, teria a experiência e a visão de que não há diferenças (referência aos meninos e às meninas), ambos podem estar fazendo as mesmas coisas sem contrariar sua sexualidade. (Grupo 4).

Tentamos buscar uma maneira de os próprios alunos compreenderem as possíveis possibilidades de abordarem as questões de gênero a partir dos livros paradidáticos, pois são subsídios valiosos e motivantes para esse trabalho, para tanto é preciso lembrar a necessidade da formação adequada, caso contrário, os materiais didáticos se tornam apenas elementos culturais e consumistas presentes nas salas de aula.

Estamos em uma civilização que reduz distâncias, mas que também acentua diferenças culturais, sociais e econômicas. Só uma educação de qualidade para todos pode evitar que essas diferenças constituam mais um fator de exclusão. Ao abordarmos a questão da cidadania, uma das prioridades da existência da escola, não podemos deixar de ressaltar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), que tratam dos conteúdos a serem trabalhados nas áreas do currículo oficial e apresentam os temas transversais, que são problemas sociais, graves e urgentes, cuja amplitude é tal que ultrapassam os limites de cada área, devendo ser ensinados através das próprias disciplinas, permeando seus objetivos, conteúdos e atividades. Os temas transversais (BRASIL, 1998) têm como eixo central a educação para a cidadania, buscando a formação de um cidadão mais participativo, reflexivo e autônomo, consciente de seus direitos e deveres. Durham (2010, grifo do autor), quanto aos temas transversais, destaca:

A LDB, lei modernizante e descentralizadora, reconhece que conteúdos e competências podem ser transmitidos por intermédio de diversas combinações curriculares. Não fixa *disciplinas* obrigatórias, mas áreas de conhecimento, permitindo que muitos conteúdos sejam transmitidos como temas transversais, eliminando a excessiva compartimentalização dos currículos. (DURHAM, 2010, p.158).

A questão curricular é fundamental ao abordarmos a necessidade da temática da sexualidade no contexto escolar, pois raro são os cursos de formação docente que possuem disciplinas específicas; isso acaba culminando que muitas disciplinas discorrem em suas ementas sobre a abordagem de tais temáticas e o conteúdo não é abordado de maneira sistemática e significativa, pois lidamos com tempo escasso de formação.

Os alunos vêm os livros apenas no contexto apresentado, não realizando críticas ou questionamentos. Um exemplo disso foi percebido no livro de Márcia Leite (2011), ele é propício para se realizar uma reflexão e promover a quebra de estereótipos, mas os alunos não provocam questionamentos ou indagações quando é perguntado sobre o que mais interessa no livro:

A diferença dos meninos e das meninas, que de fato são todas verdadeiras e reais. Nesse livro, a autora Márcia Leite retrata todo lado feminino das meninas e todo lado masculino dos meninos, e mostra que nem um, nem outro, viveria sem o outro. (Grupo 5).

Achamos mais interessante no livro focalizar as características básicas que os meninos enxergam nas meninas e as meninas nos meninos. Características essas, que estão no que mais nos irrita no sexo oposto. (Grupo 6).

O livro apresenta características para discussões que em nenhum momento foi percebida pelos alunos, pois possui frases demarcadas por características de gênero construídas no decorrer da nossa cultura e que devem ser descontextualizadas e desconstruídas; temos como exemplo:

Para mim as meninas são melhores que os meninos apenas em duas coisas: elas conseguem ficar cheirosas o dia inteiro, mesmo sem tomar banho. Elas são capazes de encontrar as coisas que a gente perde e pensa que nunca mais vai achar. (LEITE, 2011, p.10).

Trabalhar a sexualidade e gênero na educação é fundamental, além de ser algo contínuo e que demanda tempo, pois os resultados não são imediatos e, segundo Furlani (2011, p. 119) “[...] a Educação Sexual, a partir da educação infantil, pode articular os estudos das relações de gênero com o processo de formação das crianças e jovens.”

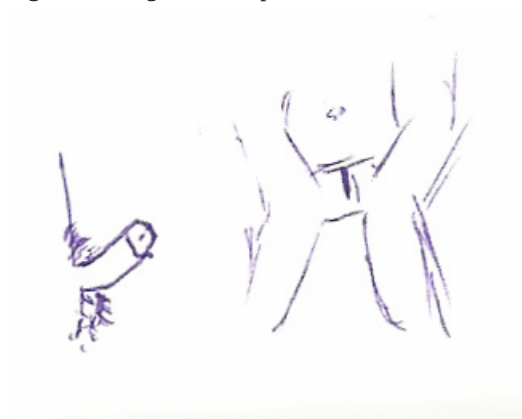
É comum na sociedade como um todo, e consequentemente na escola, as mulheres terem atributos relacionados à passividade, submissão e docilidade, enquanto que no masculino as características que proclamam são de valentia, domínio, força e poder; esse é um discurso preconceituoso que perpassa há anos a dominação e a discriminação. Esse fato nos reforça que gênero é uma construção social construída historicamente; a esse respeito, Louro (1996) estabelece que:

Gênero é fundamentalmente uma construção social - portanto, histórica. Esse conceito é plural, ou seja, haveria conceitos de feminino e masculino, social e historicamente diversos. A ideia de pluralidade implicaria admitir não apenas que sociedades teriam diferentes concepções de homem e mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião,

a raça, idade etc; além disso, implicaria admitir que os conceitos de masculino e feminino podem se transformar ao longo ao tempo. (LOURO, 1996, p. 10).

Durante a realização da oficina foi enfatizada a importância de percebermos a sexualidade não como algo biologizante, assim como afirmam Moizés e Bueno (2010): “[...] a sexualidade para ser compreendida, não pode ser separada do indivíduo holístico, posto que é moldada nas relações que o sujeito estabelece, desde a mais tenra idade, consigo mesmo e com os outros.” (MOIZÉS; BUENO, 2010, p. 205). Tal análise foi observada em uma das questões, pois era focada em realizar um comentário ou ilustração sobre o livro e/ou a oficina. Apesar de uma maneira “tímida”, ilustração bem pequena, uma dessas observações foi realizada totalmente na visão anatômica (Figuras 1 e 2).

Figura 1: Imagem do Grupo 3.



Fonte: as autoras.

Figura 2: Imagem do Grupo 4.



Fonte: as autoras.

Pudemos perceber que a visão biologi- zante da sexualidade está presente na **Figura 1**, pois a sexualidade está envolta somente para o órgão sexual masculino, expondo a formação que é transmitida aos alunos no decorrer do processo de escolarização, pois o biológico e o anatômico sobrepõem aos valores da sexualidade enquanto parte constitutiva do ser humano, pois é fruto de um ensino cartesiano, compartimentalizado. A parte introdutória dos temas transversais nos esclarece:

Se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano. (BRASIL, 1998, p. 293).

Assim, é preciso compreender a sexualidade e o gênero além do atômico e do biológico. Tal afirmação não foi observada pelo grupo analisado da **Figura 1**; parece não ter ficado muito claro que a temática sobre gênero deve ser vista além do biológico; isso confirma a necessidade de formação docente

para que, quando os alunos se depararem com atitudes dessa natureza na escola, sejam capazes de questionar e fazer abordagens que valorizem as relações culturais e sociais. Inclusive porque na escola, especificamente nos banheiros dos alunos, é comum ter pichações de órgãos sexuais e escritas de nomes não científicos dos órgãos genitais. Podemos dizer que é uma forma dos alunos expressarem seus medos, inseguranças e incertezas, sendo uma forma negligente e violenta de exposição.

Ribeiro (2009) fortalece tal argumentação, discorrendo que é preciso inserir disciplinas de sexualidade nos currículos do curso de Pedagogia e nas diversas licenciaturas, com o intuito de formar professores que atuem com o trabalho de educação sexual, pois é preciso:

[...] tirar o sexo dos banheiros das escolas, levando-o para a sala de aula. Inclusive porque, com certeza, as temáticas que hoje são prioridades dos projetos oficiais serão, com muito mais facilidade, assimiladas, compreendidas e multiplicadas, quanto mais existirem professores que tenham a oportunidade de debater, discutir e refletir a educação sexual em sua formação. (RIBEIRO, 2009, p. 138).

A imagem do grupo 4, representada na Figura 2, nos dá a impressão de que ocorreu uma compreensão da diversidade de atitudes femininas e masculinas, pois a menina está com uma bola na mão, sendo esta uma própria interpretação que o livro paradidático proporciona, apresentando que as questões de gênero são construídas culturalmente, pois é significativo que na formação docente se aborde que,

O uso desse conceito (referência a gênero) permite abandonar a explicação da natureza como a responsável pela grande diferença existente entre os comportamentos e lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero. (BRASIL, 1998, p. 322).

Independente do nível de escolarização, as questões de gênero devem ser abordadas no contexto escolar, pois assim teremos maiores chances de termos uma sociedade mais igualitária, valorizando e respeitando as diferenças.

A temática de gênero pode ser abordada em diversos assuntos relacionados à escola, independente do nível de escolarização, nas diversas disciplinas que compõem o currículo, mas para tal é preciso primeiramente a compreensão de que o conceito de gênero é construído socialmente e culturalmente e valorizando a diversidade nos modos e maneiras de ser homem e ser mulher na sociedade atual.

Para tanto, a formação docente é fundamental, tendo como meta a cientificidade, rumo à formação do cidadão de maneira

política, comprometida, rompendo com preconceitos e paradigmas baseados em estereótipos hegemônicos.

É preciso refletir sobre as questões que abordam a sexualidade, pois mesmo que o educador no cotidiano não assuma, ou mesmo não perceba que influencia seus alunos no tocante à temática, seus valores, medos, crenças, estão constantemente sendo transmitidos para os alunos. Conforme destaca Guimarães (1995, p. 100, grifo do autor),

[...] o professor e a professora são modelos de “homem” e “mulher” ao realizarem suas atividades com os alunos, embora nem sempre se sintam comprometidos com Educação Sexual. Como são sexualizados e assumem papéis “masculino” e “feminino”, não importa se com maior ou menor correspondência à estereotipia social – são modelos sexuais. Na sua rotina de trabalho interativo com os alunos, estão sempre a revelar como lidam com a dinâmica interpessoal, como se aceitam, como se colocam frente à sexualidade própria e dos outros. Enfim, é a sua carga de medos, preconceitos, tabus, assim como de compreensão, aceitação e experiência de prazer e alegria, que transparece em seu cotidiano profissional. O que é peculiar, porém, é que os professores em geral não assumem que estejam educando sexualmente, assim como o aluno também não tem consciência que está sendo influenciado pela escola, nessa área.

Acreditamos que essa pequena amostra tenha contribuído para apresentarmos dados significativos que possam contribuir para a sistematização nos currículos de formação docente e mesmo na alteração dos currículos já existentes, além de proporcionar novos estudos e aprendizados sobre temáticas que, a partir, do Século XXI passaram a ser de relevância no âmbito escolar.

Considerações finais

Apresentamos nesse estudo apontamentos que sugerem outras pesquisas, pois compreendemos que o fazer docente e especificamente as questões curriculares demandam tempo e muita insistência para transformações e concretizações.

Contudo, pudemos perceber que as temáticas em torno da sexualidade e mais diretamente gênero vem sendo sustentada pelos futuros professores como um conhecimento singular nas práticas escolares, marcado por aspectos biologizantes, tendo modelos um tanto ingênuos e estereotipados de compreender o masculino e o feminino, ou seja, baseado nos determinantes sociais de heterossexualidade.

Por outro lado, percebemos que os futuros docentes estão dispostos ao aprendizado e percebem suas limitações na abordagem da temática sexualidade, fator positivo, mas que precisa ser repensado e proposta atitudes diante dos currículos dos cursos de formação docente.

Entretanto, compreendemos que as mudanças efetivas nas grades curriculares dos cursos de formação docente demandam questões políticas e pontuais por parte das instituições de ensino que podem inserir disciplinas que abranjam a temática sexualidade, mas que para isso despenderiam, provavelmente, mais aulas para seus docentes, o que nem sempre se torna atrativo para administradores de instituições particulares que formam a maior parte dos cursos de licenciaturas, dentre eles a Pedagogia e a Educação Física.

Devido a esses apontamentos, acreditamos que investir e promover a pesquisa principalmente com os envolvidos diretamente no processo de escolarização possibilite discutir a temática de gênero muito além da visão biológica homem/mulher, mas pode contribuir

para rupturas valiosas de atitudes discriminatórias, tendo num futuro próximo uma sociedade mais justa, mais igualitária, com menos preconceitos e muito mais tolerância no sentido de atitudes éticas para o século atual.

Referências

AGENCIA ESTADO. **Número de cursos de Pedagogia cresce 85% em 5 anos.** 5 set. 2009. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-cursos-de-pedagogia-cresce-85-em-5-anos,430029>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRENNAN, I.; ZILBERMAN, I. **Até as princesas soltam pum.** São Paulo: Brinque-Book, 2008.

CAMARGO, A. M. F.; RIBEIRO, C. **Sexualidade e infâncias:** a sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Moderna; Campinas: Unicamp, 1999.

DURHAM, E. A. A política educacional do governo Fernando Henrique Cardoso: uma visão comparada. **Novos Estudos Cebrap,** São Paulo, s/v., n. 88, p. 153-179, set./dez. 2010.

ECO, U. **Cinco Escritos Morais.** São Paulo: Record, 2006.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais

possível. Campinas: Mercado das Letras; Londrina: Eduel, 2006.

_____. Repensando a educação sexual enquanto tema transversal. **Cadernos Educacionais**. Pelotas, s/v., n. 19, p. 65-82, jul./dez. 2002.

_____. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. Londrina: Eduel, 2001.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas a um começo na educação infantil e no ensino o fundamental. In.: FURLANI, J. **Educação Sexual na escola**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 87-129.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEÃO, A. M. C. Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. 2009. 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) -Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2009.

LEITE, M. **Feminina de menina, masculino de menino**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2011.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Nas redes do conceito de gênero. In.: MEYER, M. J.; WALDOW, D. E. **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **DOXA**: Revista Brasileira de Psicologia e

Educação, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 75-84, jan./jun. 2011.

MELLO, G. N. de. **Cidadania e competitividade**: desafios educacionais de terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Magistério de 1º grau**: da competência técnica ao compromisso político. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1981.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v. 44, n. 1, p. 205-212, jan./mar. 2010.

NUNES, C. A.; SILVA, E. A. **A educação sexual da criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores Associados, 2000.

RIBEIRO, M. **Sexo não é bicho papão!** Rio de Janeiro: ZIT, 2008.

_____. **Menino brinca de boneca?** São Paulo: Salamandra, 2001.

RIBEIRO, P. R. M. A Institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In.: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: Eduel, 2009. p. 129-140.

_____. Processos e trajetórias na formação de professores para atuação no campo da educação sexual: a experiência do Núcleo de Estudos da Sexualidade na UNESP, em Araraquara. In.: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. 14., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2008.

_____. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In.: RIBEIRO,

P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

_____. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROCHA, R. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. São Paulo: Ática, 1983.

ROSA, S. **O menino Nito: então homem chora ou não?** Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ANEXO 1

PEIXOTO, L. F. “Oh Tio, Pra que Tem Essa Regra?” - Sobre Famílias Brincadeiras de Meninos e de Meninas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO: Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 16., 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012. 1 CD-ROM.

“Das memórias que tenho do ensino fundamental, recordo com muita clareza de um acontecimento que marcou boa parte da minha vida escolar. Aconteceu na turma da 1ª série do antigo primário em uma escola de Nova Iguacu, no ano de 1992. Eu tinha sete anos de idade. Na primeira semana de aula (talvez no primeiro dia) um grupo de meninos da turma abordou-me durante o recreio. Como era novo na escola, disseram que eu deveria passar por uma “brincadeira de iniciação”: eu teria que ficar deitado de bruços no chão, enquanto os outros garotos deitariam por cima de mim. Achei a brincadeira muito interessante e os acompanhei até o local onde ela aconteceria. Era uma parte do pátio que as crianças não podiam frequentar durante o recreio.

Durante a brincadeira, uma inspetora ao ver um grupo de crianças que estavam no

local proibido veio nos repreender. Corremos para o banheiro masculino e todos os meninos se trancaram dentro das cabines. Interessante que, mesmo sendo ela a inspetora, dentro do banheiro masculino, nós estávamos seguros. Lembro que ela não podia entrar. Deveríamos ser uns oito meninos. O banheiro tinha umas três ou quatro cabines, onde entramos e nos trancamos. Entrei na cabine com um menino de quem não me recordo o nome, mas era apelidado de *Buiu*. De fato, eu havia gostado da brincadeira e quis continuar a brincadeira com o menino, dentro da cabine. Mas eu não sabia que havia uma “regra”: se todos os meninos estivessem brincando juntos, era apenas uma brincadeira, se dois garotos estivessem brincando sozinhos era *veadagem*. O *Buiu*, ciente da regra, recusou-se a brincar e disse para todos os outros meninos que eu era *veado*. Como alguns meninos tinham ouvido o meu pedido (e mesmo os que não ouviram juraram ter ouvido), essa história se espalhou para todas as crianças da escola.

A história “do Leo e do Buiu no banheiro” não se limitou ao ano de 1992. Foi sendo contada e recontada por muitos até o final do ensino fundamental. Em outra escola, mas ainda com grande parte de colegas de turma da antiga 1ª série, ganhava tons por vezes bem exagerados. Até que passei a ser conhecido como *Leornado bofe*. O adjetivo *bofe* era sinônimo de *gay*. Somente no Ensino Médio, quando mudei de escola, consegui fazer com que essa história não fosse revelada. Mesmo assim, quase vinte anos depois, esses colegas devem ainda se lembrar do *Leonardo bofe* e alguns devem se lembrar da história com o *Buiu*.” (PEIXOTO, 2012, p. 1-2).

APÊNDICE 1

TRABALHANDO COM LIVROS PARADIDÁTICOS

Nome do livro:

Autor:

1. O que o grupo achou de mais interessante no livro?
2. O grupo trabalharia esse livro com seus alunos? Por quê?
3. Em que faixa etária é possível abordar esse tema? Enquanto docente como você faria para trabalhar com esse livro?
4. Seria possível abordar a temática de gênero a partir desse livro?
5. Faça um comentário sobre o livro? (Se preferir, pode usar ilustrações).

APÊNDICE 2

ESCLARECIMENTO SOBRE A PESQUISA REALIZADA PARA PRODUÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO

O objetivo desta pesquisa é propor a reflexão para estudantes de Educação Física e Pedagogia sobre as situações cotidianas no contexto escolar que envolvam a temática gênero, partindo assim para a análise de livros paradidáticos.

Para desenvolvermos este trabalho estamos utilizando uma coleta de dados através da prática de uma oficina na Semana de Estudos Integrados de uma instituição de Ensino Superior do Interior Paulista, com estudantes dos cursos de Educação Física e Pedagogia que escolheram voluntariamente a oficina intitulada: “**Abordando Sexualidade e Gênero na Formação Docente**”.

A participação será realizada através da análise de livros paradidáticos que

abordem a temática de gênero e sexualidade, através de respostas a um questionário em grupo (questionário elaborado pelas pesquisadoras- Apêndice 1).

A participação é muito importante para que possamos desenvolver nosso trabalho, bem como estabelecer uma relação dialética entre teoria e prática. Acreditamos que, apesar de você não receber benefício direto (ou prejuízo), os resultados da pesquisa poderão ajudar na orientação mais adequada dos profissionais que trabalham ou poderão vir a trabalhar na área da educação.

As pesquisadoras Prof^a Dr^a Maria Salete Zufelato Vencel e Prof^a Ms Rita de Cássia Petrenas se colocam a disposição para maiores esclarecimentos.

A utilização e exploração das respostas deste questionário serão realizadas de maneira estritamente anônima e unicamente para este estudo.